

política

DEPOIS DE AUSTRÁLIA, REINO UNIDO, IRLANDA E FRANÇA,
BRASIL TAMBÉM QUER EMBALAGEM ÚNICA PARA PRODUTOS DE TABACO

A padronização do mal

Elas são coloridas e com letras chamativas. Algumas têm até bichos simpáticos estampados. Mas estão no centro de uma polêmica mundial. Em alguns países, as embalagens de cigarro, usadas para fidelizar fumantes e atrair novos consumidores, deram lugar a modelos padronizados, determinados pelos governos locais. E o antigo formato pode estar perto do fim no Brasil também.

A padronização das embalagens de derivados de tabaco foi o tema escolhido este ano pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para o Dia Mundial sem Tabaco, celebrado em 31 de maio. A padronização é uma das principais metas da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT) e expõe a briga atual contra a indústria tabageira. A padronização visa a restringir o uso de cores e elementos gráficos nas embalagens e tem como objetivo diminuir a atratividade do produto.

“O tabagismo é uma doença pediátrica: o adolescente é um alvo estratégico da indústria do tabaco. O objetivo principal da padronização é prevenir a iniciação dos jovens”, explica Tânia Cavalcante, secretária executiva da Comissão Nacional para a Implementação da Convenção-Quadro (Conicq)/INCA. Segundo a OMS, a idade média com que as pessoas começam a fumar é 15 anos. Por isso mesmo, a indústria do tabaco centra suas estratégias nas crianças e adolescentes.

As embalagens dos cigarros são, atualmente, a principal tática para atrair esse público. Os produtos nos pontos de venda estão sempre próximos a balas, posicionados na altura dos olhos dos clientes mais novos. “O jovem, curioso, vai se aproximar do produto pela embalagem. O que devemos perguntar é: ‘Por que ainda permitimos que um produto letal seja comercializado em embalagens bonitas como as de doces?’”, questiona Tânia Cavalcante.

Desde o ano 2000, a indústria tabageira é proibida de fazer propaganda de derivados de tabaco em revista, jornal, *outdoor*, televisão e rádio, bem como de patrocinar eventos culturais e esportivos no Brasil. Mas permaneceu a possibilidade de publicidade em pontos de venda, o que só foi restringido em 2011, com uma nova lei federal proibindo a divulgação desses produtos em locais como padarias e lanchonetes.

A partir daí, os fabricantes passaram a investir nas embalagens como grande ferramenta de divulgação. Tânia Cavalcante lembra que o histórico da legislação permitiu maior controle da publicidade, mas que esse é um processo difícil: “Até 2000, tínhamos os produtos entrando na nossa casa, até mesmo associados a esportes e vida saudável. Foi quando aconteceu a restrição da publicidade e a proibição de patrocínios. Na época da negociação – porque

Fim da autopropaganda

O modelo único de embalagem de cigarro proposto pela Organização Mundial da Saúde representa o fim da última forma explícita de publicidade dos derivados de tabaco

Sem logos, cores, marcas ou informações promocionais

Embalagem da mesma cor para todas as marcas



Nomes de marca e produto em cor e fonte padronizadas

Padronizar significa:



Reduzir a atratividade das embalagens de cigarros



Limitar as embalagens enganosas dos cigarros



Eliminar a propaganda e promoção dos produtos de tabaco



Aumentar a efetividade das imagens de advertências sanitárias

INCA e *Extra* promovem debate sobre tabagismo

Para celebrar o Dia Mundial sem Tabaco, comemorado em 31 de maio, o INCA promoveu, com o jornal Extra, debate sobre os males do tabagismo. A padronização das embalagens de cigarro foi um dos principais pontos abordados pelos participantes da mesa, que contou com Tânia Cavalcante, secretária executiva da Comissão Nacional para a Implementação da Convenção-Quadro (Conicq); Anna Monteiro, diretora de comunicação da Aliança de Controle do Tabagismo (ACTbr); Rejane Spitz, professora do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio; e Ricardo Meirelles, médico pneumologista do INCA. A jornalista Flávia Junqueira mediu o debate, que foi transmitido ao vivo pelo Facebook.

O INCA, como secretaria executiva da Conicq, é responsável pela Política Nacional de Controle do Tabaco no País. Tânia Cavalcante destacou as ações coordenadas pelo Instituto. “A padronização das embalagens é mais uma medida para o bem-sucedido trabalho para redução do tabagismo, doença cujo custo anual para o sistema de saúde brasileiro é de R\$ 23 bilhões”, explicou.

Um dos principais questionamentos da plateia foi quanto ao tratamento para fumantes. Também nesse ponto, enfatizou-se que a padronização das embalagens fortaleceria o trabalho de cessação. Para reforçar esse ponto de vista, Anna Monteiro exibiu um vídeo com depoimento da atriz Malu Mader contando que teve uma recaída, depois de alguns anos sem fumar, por conta da sedução das embalagens coloridas de cigarro.

foi uma negociação com a indústria –, não se conseguiu proibir tudo; permaneceu a publicidade nos pontos de venda. Em 2011, também foi proibida a publicidade nesses locais, mas não totalmente, pois foram mantidas as embalagens.”

CONFUNDINDO O CONSUMIDOR

As embalagens padronizadas são invólucros sem nenhum tipo de desenho, logotipo, elementos de design ou texto promocional. Todas são iguais, com um padrão definido pelo governo, que indica cor, fonte (modelo de letra) utilizada e seu tamanho. Apenas o nome da marca permanece, assim como as advertências sanitárias sobre os malefícios do tabagismo, que, na prática, ganham mais destaque, uma vez que passam a ser a única imagem da embalagem. Hoje, no Brasil, as advertências ocupam 30% da parte frontal dos maços de cigarro.

“Quando pedimos a padronização, não estamos falando somente de cores e logotipos, mas até mesmo da forma de abrir o pacote, que é uma maneira de atrair para o produto”, afirma Rejane Spitz, professora do Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Isso significa que o rótulo do produto de tabaco leva à experimentação, o primeiro passo para a dependência. “A função da embalagem é lembrar a todo o momento o produto. Parece que fala: ‘Estou



aqui, me consuma”, acredita Tânia Cavalcante. Porém, a embalagem não é só atrativa pelo design e beleza – ela também é utilizada para confundir o consumidor. A professora explica que cores mais claras, como branco e azul, levam o público a acreditar que os teores de alcatrão e nicotina são menores, podendo indicar menos risco à saúde, o que não é verdade.

Além disso, as empresas cada vez mais investem em edições limitadas de embalagens, com diferentes formatos, o que leva ao questionamento da professora Rejane Spitz: “Se sabemos que o conteúdo daquela embalagem é maléfico e causa dependência, por que, então, ela deve ser atraente?”.

Para Ricardo Meirelles, médico pneumologista do INCA, os benefícios da adoção das embalagens padronizadas não apenas evitariam a iniciação: fortaleceriam o trabalho de cessação para os que buscam parar de fumar. “O ex-fumante precisa reforçar a mudança de comportamento. A pessoa tem recaída não por causa da dependência da nicotina, que cessa depois de alguns meses sem fumar, mas porque as situações do dia a dia, o ambiente, lembram o cigarro.”

RESISTÊNCIA VENCIDA

A Austrália foi a pioneira na padronização das embalagens de cigarro. Em 2012, o governo do país

“O tabagismo é uma doença pediátrica: o adolescente é um alvo estratégico da indústria do tabaco. O objetivo principal da padronização é prevenir a iniciação dos jovens”

TÂNIA CAVALCANTE, secretária executiva da Conicq

enfrentou forte oposição da indústria tabageira e adotou os rótulos padronizados, que passaram a ser de uma cor única, marrom escuro, com as advertências sanitárias ocupando 75% da face frontal e 90% da posterior. Para chegar a esse resultado, houve briga com as empresas, como conta Anna Monteiro, diretora de comunicação da Aliança de Controle do Tabagismo (ACTbr): “A medida foi muito criticada na Austrália, e o caso foi levado a tribunais internacionais de comércio exterior”.



Engajada: plateia participou com perguntas e se mostrou solidária à padronização

Em fevereiro deste ano, o Departamento de Saúde da Austrália publicou relatório que comprova que a adoção das embalagens padronizadas levou à redução do tabagismo no país. De 2012 a 2015, a prevalência de fumantes caiu 25% – de 19,4% para 17,2%. “A padronização é uma forma de chamar mais atenção para os malefícios do tabagismo. Na Austrália, as pessoas sabiam que fumar causa câncer de pulmão, mas não faziam ideia de que o fumo também está ligado a vários outros tipos de câncer”, diz Anna Monteiro.

Depois dos bons resultados na Austrália, outros países iniciaram o processo de padronização das embalagens de cigarro. No Reino Unido, as empresas de tabaco tentaram, na Suprema Corte, impedir a mudança da lei que tornaria os rótulos padronizados obrigatórios, mas foram vencidas. A medida, que entrou em vigor em maio último, determina que todas as embalagens tenham a mesma cor e tamanho e que as imagens de advertência ocupem 65% da frente e do verso. Também em maio, Irlanda e França adotaram a padronização.

ENQUANTO ISSO, EM BRASÍLIA...

No Brasil, a Política Nacional de Controle do Tabaco é determinada pelas diretrizes da CQCT. A padronização das embalagens é uma das metas centrais da Conicq para redução do tabagismo no País. O artigo 11 da Convenção estabelece que as embalagens não devem promover produto de tabaco de forma falsa, equivocada ou enganosa, ou que induza ao erro.

“Quando pedimos a padronização, não estamos falando somente de cores e logotipos, mas até mesmo da forma de abrir o pacote, que é uma maneira de atrair para o produto”

REJANE SPITZ, professora do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio

“A padronização é uma forma de chamar mais atenção para os malefícios do tabagismo. Na Austrália, as pessoas sabiam que fumar causa câncer de pulmão, mas não que o fumo também está ligado a vários outros tipos de câncer”

ANNA MONTEIRO, diretora de comunicação da ACTbr

Atualmente, três projetos de lei tramitam no Congresso Nacional para instituir os rótulos padronizados no País. Do então senador Rodrigo Rollemberg (PSB-DF), atual governador do Distrito Federal, tramita o Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 103/2014, que dispõe sobre maços de cigarros, cigarrilhas, charutos, fumo para cachimbo ou de qualquer outro derivado de tabaco. De acordo com o projeto, as embalagens “não conterão dizeres, cores ou outros elementos gráficos além da marca do produto e da logomarca do fabricante, em letras de cor preta sobre fundo branco, e advertência sobre os malefícios do fumo, segundo frases estabelecidas pelo Ministério da Saúde, acompanhada de imagens ou figuras que ilustrem o sentido da mensagem”.

Já o PLS nº 769/2015, do senador José Serra (PSDB-SP), atual ministro das Relações Exteriores, proíbe a propaganda de cigarro ou de qualquer outro produto fumígeno e o uso de aditivos que confirmam sabor e aroma, além de estabelecer padrão gráfico único das embalagens. Por fim, o Projeto de Lei nº 1.744/2015, do deputado federal Darcísio Perondi (PMDB-RS), dispõe sobre a padronização das embalagens de produtos fumígenos, derivados ou não do tabaco, comercializados no País. “A redução do tabagismo vem com um conjunto de medidas que envolve, entre outras, aumento de impostos, proibição da propaganda e padronização das embalagens. A saída é regular ao máximo esta indústria”, defende Tânia Cavalcante. ■